

DALL'AGNOL, D. Valor intrínseco: Metaética, ética normativa e ética prática em G.E. Moore. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

Prof. Dr. Nelson G. Gomes
Universidade de Brasília

No livro *Principia ethica*, de 1903, G.E. Moore assume posições que o tornam um dos mais controversos eticistas do século XX. Usualmente, ele é descrito como representante de uma forma peculiar de utilitarismo, que assume a noção de Bem como indefinível. A caracterização da célebre falácia naturalista está igualmente associada a essa obra. Em trabalhos posteriormente publicados, de modo especial no ensaio *A reply to my critics* e no livro *Ethics*, Moore repensa algumas das suas posições anteriores, matizando-as de forma significativa. Diante dessa evolução do filósofo, que reformula posições no constante debate com os seus críticos, falar sobre a ética de Moore implica o estudo de vários trabalhos, nos quais o pensamento do autor se modifica, freqüentemente no contexto de querelas muito sutis.

O livro *Valor intrínseco* resulta do doutorado de seu autor, concluído no Reino Unido, no ano 2000. Darlei Dall'Agnol é um crítico de Moore, que toma a obra deste filósofo como ponto de referência para o delineamento de alternativas, em metaética, em ética normativa e em ética prática. *Valor intrínseco* não é tão somente uma apresentação didática das teses de Moore, acompanhada das correspondentes citações bibliográficas. Aquelas teses e a bibliografia estão presentes na obra, mas Dall'Agnol discute com Moore ao longo de todo

o seu trabalho, assim como também discute com outros críticos das mais diversas linhas. Em resumo, *Valor intrínseco* é um vivo debate com Moore e com seus críticos, do qual resultam propostas de solução para os problemas apontados. Grosso modo, Dall'Agnol tenta formular alternativas por meio de aproximações de certas teses de Moore relativamente a Aristóteles.

Moore é um filósofo analítico e a sua ética é regida pela metaética. Ele declara que "bom" é uma expressão muito especial, que designa uma propriedade simples, a mais importante para a ética. Nessa acepção absolutamente irreduzível, "bom" é o mesmo que "valor intrínseco". Mas como podemos saber se algo é ou não é bom? A resposta de Moore é a caracterização do assim chamado método do isolamento absoluto, que consiste no seguinte: um objeto x é bom (no sentido absoluto), se a existência de x é julgada como boa, mesmo que x seja a única coisa presente no mundo.

Contra a tese segundo a qual a palavra "bom" (como sinônima de "valor intrínseco") designa algo simples, Dall'Agnol objeta que Moore não esclarece o que isso significa, mesmo porque dizer que "bom" se refere à bondade é trivial. Pior ainda: a mencionada concepção de "bom" envolve o constante perigo de conduzir a ética de Moore ao naturalismo, ou seja, de levá-

la ao encontro da teoria que o filósofo recusa. A partir daí, Dall’Agnol tenta mostrar uma possível solução para o problema, com o auxílio de certos conceitos de Aristóteles, ou seja, valor intrínseco compreendido como aquilo que se pode ter por si mesmo. Dall’Agnol mostra que esse entendimento mais específico está em certos textos de Moore, que o chama de bondade na acepção de Aristóteles. Uma vez caracterizado tal conceito, Dall’Agnol faz ver que ele nada tem a ver com bem absoluto, que pode ser analisado e inserido em contextos de relações meios-fins, pois um meio para um certo fim não é necessariamente apenas um meio para aquele mesmo fim.

Após ter aproximado Moore de Aristóteles, Dall’Agnol dá um novo passo, para responder à pergunta: como sabemos se algo tem valor intrínseco, nessa acepção de bondade aristotélica? Ele aplica então um procedimento ao qual dá o nome de método do isolamento deliberativo. O valor intrínseco das virtudes e dos deveres expressa-se na resposta à pergunta sobre se eles são meios para o bom, mesmo que não sejam meros meios. Em termos analíticos, Dall’Agnol entende que a asserção “p valor x” (sendo p um agente e x um estado de coisas) se deixa parafrasear da seguinte maneira:

1. p escolhe x;
2. x possui valor em si mesmo;
3. p tem x por si mesmo.

Nesses termos, o isolamento ontológico exigido pelo método absoluto é dispensável, o que completa a estratégia de Dall’Agnol no sentido de delinear um pensamento ético que aproxime Moore de Aristóteles. O valor intrínseco (como bondade aristotélica) está relacionado com o agente, sem envolver relativismo. Aquele valor é

objetivo, mas sem qualquer objetivismo absolutista. A justiça, por exemplo, é objeto de escolha (condição 1); ela tem valor em si mesma (condição 2); por fim, o agente moral p age de modo justo, pura e simplesmente, sem outra razão (condição 3). A justiça pode ser descrita como parte de um bem maior, mas ela não se reduz à condição de um mero instrumento que conduza a esse bem. Portanto, é intrinsecamente valioso que o agente se comporte de maneira justa.

O método do isolamento deliberativo proposto por Dall’Agnol conduz a uma análise da noção de valor intrínseco (como bondade na acepção aristotélica). Portanto, ao contrário do que diz Moore na obra *Principia ethica*, o Bem pode ser analisado, desde que essa noção seja inserida no quadro ora proposto. Mas Dall’Agnol insiste em dizer que Bem não é analisável em termos naturais ou metafísicos. A análise ora sugerida é metaética. Segundo Dall’Agnol, esse método teria a vantagem de evitar qualquer apelo de tipo intuicionista. O valor intrínseco tem uma estrutura objetiva peculiar, como fim em si mesmo.

Após ter caracterizado esse outro tipo de metaética, Dall’Agnol não tem dificuldades em delinear uma ética das virtudes, que são entendidas como portadoras de valor intrínseco (bondade aristotélica). Uma teoria das virtudes entendida dessa forma não é teleológica e nem tampouco deontológica. Não é teleológica porque a virtude não se reduz a qualquer fim maior. Não é deontológica porque o argumento de Dall’Agnol procura afastar qualquer supremacia do dever sobre a virtude.

O caminho ora delineado aproxima significativamente Moore de Aristóteles, mas existe ainda um último item a ser abordado: a política.

Moore constrói uma forma peculiar de utilitarismo, no qual o amor tem papel de grande relevo. Aristóteles, por sua vez, vê na política o desaguadouro natural da ética. Nesse aspecto específico, Dall' Agnol assume a sua tendência aristotélica, criticando o lado apolítico da ética de Moore. Na avaliação de Dall' Agnol, os *Principia ethica* nada teriam a dizer sobre os grandes problemas éticos contemporâneos se essa obra for tomada literalmente, sem o acréscimo de elementos que lhe permitam estender-se em direção à política.

Dall' Agnol é um crítico de Moore, mas não um detrator. Moore tinha alguma pretensão de ser um Isaac Newton da ética, razão por que a sua obra é metodologicamente tão cuidadosa. Dall' Agnol, por sua vez, aponta nos *Principia ethica* insuficiências analíticas, conceitos mal esclarecidos e outros aspectos insatisfatórios. Mas ele tenta descobrir na obra de Moore algumas passagens que permitam a referida aproximação com respeito a Aristóteles, de modo a tornar plausível um novo delineamento do sistema apresentado em 1903. É verdade que grande parte da literatura especializada enfatiza o platonismo de Moore e não o seu aristotelismo. Numa correspondência escrita em fins do século XIX, o próprio Moore admite ser platônico e declara-se feliz em estar construindo o mais platônico dos sistemas. Portanto, os historiadores da filosofia terão muitas objeções às propostas de Dall' Agnol. Os especialistas em Aristóteles, de forma muito particular, saberão apontar importantes diferenças entre os dois filósofos. Não obstante, a ênfase do livro *Valor intrínseco* não é histórica, mas sim sistemática, o que implica êxito para Dall' Agnol se o delineamento por ele

proposto se sustentar no plano argumentativo. É nesse ponto que o livro deve ser debatido. Em qualquer hipótese, Dall' Agnol escreveu uma obra sugestiva, digna de ser lida com atenção e de ser objeto de tomadas de posição. Ele trata Moore e Aristóteles como contemporâneos, aos quais se pode fazer perguntas sobre justiça ou bioética e deles receber respostas interessantes. Esse é o maior mérito do seu trabalho: a discussão viva com os filósofos.

Há um aspecto na argumentação de Dall' Agnol que merece algum reparo: o emprego da definição de ciência como crença verdadeira e justificada. Essa definição é tentadoramente simples e elegante, mas tem o grave defeito de ser deveras dubitável. Desde que Gettier publicou o seu pequeno artigo, em 1963, o tema vem sendo objeto de intenso debate epistemológico, o que deveria levar Dall' Agnol a uma posição de maior prudência. Entretanto, ele emprega essa definição, tachando de menos atentos os filósofos que a rejeitam. Ao comentar o célebre exemplo do caso I de Gettier, Dall' Agnol afirma que a crença de Smith não se apoiaria sobre evidências suficientes para ser justificada, mesmo porque ele teria recebido uma informação mentirosa do diretor (pp. 55-6). Dessa maneira, o problema de Gettier estaria resolvido. Infelizmente, porém, a questão não é tão simples assim, pois Gettier não fala em informação mentirosa. Além disso, justificção não é o mesmo que prova. Na verdade, Dall' Agnol não carece dessa noção de ciência, pois a usa ao longo do seu livro de maneira meramente analógica. Ao invocar uma definição tão contestável, ele enfraquece desnecessariamente a sua própria construção conceptual.

Um segundo reparo a ser feito com relação ao livro é o freqüente uso de expressões do tipo “Korsgaard erroneamente acredita que...”, “Mackie está equivocado ao dizer que...”, “Rawls está errado ao afirmar que...”, etc. Sempre que possível, o emprego de expressões fortes como essas deveria ser substituído por análises críticas, objetivas e serenas das teses recusadas pelo autor. Análises com tais características são o trabalho do filósofo, enquanto que expressões fortes são meras reações emocionais.

Por fim, observe-se que seria desejável nesse livro uma redação mais vernácula, livre de anglicismos supérfluos. O problema não consiste em defender a nossa língua contra uma suposta

invasão de estrangeirismos, mas tão-somente em evitar confusões decorrentes de frases pensadas em um idioma e escritas em outro. A expressão inglesa “eventually”, por exemplo, traduz-se como “finalmente” e não como “eventualmente”. Por vezes, o leitor hesita quanto ao entendimento de certas passagens, sem ter como decidir sobre a acepção na qual alguns anglicismos estão sendo empregados.

Mas as presentes críticas são menores. Valor intrínseco é um bom livro de metaética e de ética. Ele é o resultado de um esforço intelectual honesto e amplo. A bibliografia à qual remete é atualizada e rica. Vale a pena lê-lo e usá-lo como instrumento de reflexão.